

O *METHODO RAPIDO PARA APRENDER A LER* DE JOÃO KÖPKE E AS POLÊMICAS EM TORNO DA SOLETRAÇÃO, SILABAÇÃO E PALAVRAÇÃO (1874-1879)

JOÃO KÖPKE'S QUICK METHOD FOR LEARNING TO READ AND THE CONTROVERSIES AROUND SPELLING, SILABATION AND WORDING (1874-1879)

Claudia Panizzolo

Universidade Federal de São Paulo
claudia.panizzolo@unifesp.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir aspectos de duas cartilhas, em seu conteúdo e materialidade. Toma como fontes documentais as publicações de João Köpke, o *Methodo rapido para aprender a ler* (1874) e o *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar* (1879), além de artigos de jornais. Ancorado nas contribuições da História da Educação e na História Cultural e tendo a análise documental como procedimento adotado, considera as cartilhas como artefatos culturais. O estudo permite uma compreensão sobre os modos de processar os métodos para o ensino da leitura, propostos por João Köpke, especialmente o sintético, assim como sua relação com outros educadores de sua época.

Palavras-chave: João Köpke; Métodos de ensino da leitura; Método sintético; Cartilhas; Silabários.

ABSTRACT

This article aims to present and discuss aspects of two Primer, in their content and materiality. It takes as documentary sources the publications of João Köpke, the Rapid Method to learn to read (1874) and the Rational and Rapid Method to learn to read without spelling (1879), in addition to newspaper articles. Anchored in the contributions of the History of Education and Cultural History and having the documentary analysis as an adopted procedure, it considers the booklets as cultural artifacts. The study allows to understand of the ways of processing the methods to teach of reading, proposed by João Köpke, especially the Synthetic Method, as well as his relationship with other educators of his time.

Keywords: João Köpke; Reading teaching methods; Synthetic method; Primer; syllabaries.

Considerações iniciais

O primeiro deles, aquele que vou descobrir no despertar de minha infância, ensinou-me a ler. E, mais que isto, transmitiu à minha mãe a sua metodologia, que consistia em alfabetizar partindo da palavra, partindo da frase em conjunto, em vez da letra, isto mostra como João Köpke era um professor avançado, um precursor, em relação ao seu tempo (LIMA, 1973,39).

Nas últimas décadas do século XIX, com vistas à viabilização e concretização do novo regime, se fazia fundamental formar um homem novo, regenerado, civilizado, moderno, escolarizado e trabalhador, enfim, o cidadão republicano. Este homem novo deveria apresentar condutas compatíveis com a

vida republicana e estar preparado para a nova sociedade industrial, urbana, moderna e científica em construção, sendo necessário abandonar os valores ultrapassados e decadentes ligados ao regime monárquico e à sociedade escravagista e agrária.

Os republicanos clamavam por pedagogistas que aliassem uma sólida fundamentação teórica a uma inovadora e modernizadora experiência prática e, ao que parece, João Köpke seria um dos educadores credenciados para tão vital tarefa. Pertencente a um grupo de intelectuais que, além de defender a reforma social pela reforma da educação, empreendia experiências de escolarização apropriando-se dos referenciais norte-americanos. João Köpke atuou na difusão de métodos para o ensino da leitura, na abertura e na manutenção de escolas e, sobretudo, na definição e na criação de um novo campo pedagógico, alicerçado em um ensino intuitivo, científico, racional, misto, leigo e seriado.

A epígrafe de abertura deste artigo é um exemplo do reconhecimento e notoriedade alcançada por Köpke. Retirada do livro *Memórias improvisadas publicado por Alceu Amoroso Lima* (1973) retrata João Köpke como sendo um educador que deixou marcas em sua vida, ou em suas palavras, como um “mestre de vida”, que além de ensiná-lo a ler, influenciou sua formação pessoal e trajetória profissional.

Este nome próprio não está ausente de estudos relativos à História e à Historiografia da Educação Brasileira. As pesquisas de Moraes (1981) e Ribeiro (1996) apresentam a criação, os programas curriculares, os métodos educativos adotados respectivamente no *Colegio Culto a Sciencia* e *Colegio Florence*, ambos em Campinas. Schelbauer (2003) estuda a atuação de Köpke como divulgador e implementador do método intuitivo, no *Colegio Culto a Sciencia*, no *Colégio Pestana* e na *Escola Primária Neutralidade*. Hilsdorf (1986) confere a João Köpke realce pelos seus investimentos na educação primária e secundária.

No que se refere aos estudos sobre livros escolares, livros didáticos, livros de leitura e séries graduadas, Köpke é citado em pesquisas como a de Maciel (2003), Oliveira e Souza (2000), Souza (1998), Oliveira (2004). Merece destaque a pesquisa de Panizzolo (2006), que empreende um estudo aprofundado de sua trajetória pessoal, profissional e produção de cartilhas, série graduada, livros, conferências e artigos, além do papel desempenhado por Köpke, na implementação e divulgação dos métodos sintético, analítico e intuitivo.

Especificamente acerca das cartilhas e silabários, os estudos Mortatti (2000), Ribeiro (2002), Panizzolo (2006), Santos (2013), Ferreira e Santos (2014), Ferreira e Santos (2015) e Ferreira (2015) têm se voltado para análises dos objetivos e dos métodos de ensino de João Köpke.

Este artigo pretende apresentar e discutir aspectos de duas cartilhas, em seu conteúdo e materialidade. Toma-se como fonte as publicações de João Köpke, o *Methodo rapido para aprender a ler*, publicado em 1874, pela *Typographia Universal Laemmert* para a Escola Americana, de São Paulo, e o *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar*, publicado em 1879, pela *Casa Garraux* para ser adotado pelas escolas públicas da província de São Paulo, além de artigos de jornais.

As cartilhas e os silabários são compreendidos como fontes privilegiadas para a História da Educação por situar-se no cruzamento entre as prescrições impostas pelos programas oficiais e os discursos singulares dos professores (CHOPPIN, 2002). Chartier (2004) ao se referir ao papel da leitura na vida das sociedades afirma que a edição e a circulação de livros e a sua leitura colocaram em ação, a partir de uma matriz societária, um conjunto de disposições voltadas à imitação e ao aprendizado. Cabe ainda esclarecer que a análise realizada neste artigo se ancora no fértil diálogo entre a História Cultural (CHARTIER, 1996, 1998, 2004) e a História da Educação (CHOPPIN, 2002).

O texto está organizado em cinco seções, na primeira busca-se apresentar brevemente o autor; na segunda as discussões em torno das publicações; na terceira e quarta empreende-se um estudo sobre a materialidade e os conteúdos da obra estudada e, por fim, algumas considerações sobre as disputas em torno do melhor método.

João Köpke, um autor dedicado à infância

João Köpke, filho de Henrique Köpke e Felisbella Cândida e Vasconcelos, nasceu aos 27 de novembro de 1852, em Petrópolis, Imperial Colônia da então Província do Rio de Janeiro. Casou-se em 1872 com Maria Isabel de Lima. Faleceu em 28 de julho de 1926 em sua casa, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Frequentou o curso primário no colégio da família, onde ingressou provavelmente aos 7 anos, em 1860, e ali permaneceu até os 14 anos, limite máximo de idade para o atendimento prestado pelo educandário. O *Colégio Köpke*, também conhecido como *Colégio de Petrópolis*, foi fundado por seu pai, Henrique Köpke, e seu tio, Guilherme Köpke, ambos emigrantes de Portugal, e tinha como público-alvo as crianças e jovens da elite imperial. O Colégio da família Köpke constituiu-se e consagrou-se como um estabelecimento de ensino modelar, tanto no que se refere a seus elementos arquitetônicos quanto à estrutura pedagógica.

Embora o *Colégio Köpke* apresentasse também o objetivo de preparar os alunos para os exames de ingresso nas Academias, o jovem João Köpke deixou Petrópolis e matriculou-se no curso de preparatórios do *Colégio de S. Pedro de Alcântara*, provavelmente visando aprovação nos exames parcelados no Município da Corte, perante a Inspeção de Instrução Primária e Secundária, ou então, no Colégio Pedro II, para assegurar a matrícula na Faculdade de Direito de Recife (PE) e, em 1871, a transferência para a *Faculdade de Direito de São Paulo*.

João Köpke chegou a São Paulo com dezenove anos, idade um pouco acima da média dos estudantes que ingressavam na *Academia*, que era, na maioria das vezes, em torno de quinze anos, idade mínima prevista pela lei de 11 de agosto de 1827 para iniciar o curso. A *Academia* era vista como um laboratório em que os jovens da elite se convertiam em aprendizes do poder (ADORNO, 1988), uma vez que suas trajetórias já estavam predeterminadas: ato contínuo ao término do curso, a admissão na vida pública, a ascensão na magistratura e, principalmente, o ingresso na carreira política.

Köpke recebeu o grau de bacharel em 1875. Provavelmente, desde os tempos dos preparatórios, já mantinha laços, se não de amizade, ao menos de coleguismo com vários de seus colegas. Contudo, manteve-se ligado, de fato, ao longo de sua vida, por laços de amizade pessoal, coleguismo e crenças políticas a bacharéis que já haviam deixado a *Academia* antes de ele nela ingressar ou, então, depois que dela saiu. Foram seus companheiros, no jornal *A Província de São Paulo*, Francisco Rangel Pestana, Américo Brasiliense de Almeida e Melo, Américo Brasília de Campos, José Alves de Cerqueira César e Manuel Ferraz de Campos Sales, entre outros. Com esses homens compartilhou seus ideais republicanos e suas ideias positivistas, mas com Rangel Pestana estabeleceu ainda fortes vínculos de amizade, expressos publicamente, como, por exemplo, quando Pestana o nomeou seu *alter-ego*, ou seja, o seu ego auxiliar em assuntos educacionais (HILSDORF, 1986, p. 126).

João Köpke completou os estudos na *Academia de Direito do Largo São Francisco* em 1875 e, nesse mesmo ano, foi nomeado promotor público em Itapeva da Faxina (SP). Além de exercer o cargo na promotoria pública, trabalhou como advogado e participou ativamente da vida cultural do lugar. Em nome do progresso e da civilização, colaborou na criação do Gabinete de Leitura Itapevense, uma iniciativa sob as expensas de particulares. Depois de Itapeva da Faxina foi para as comarcas paulistas de Jundiá, Campinas e finalmente para a Capital. Em São Paulo acumulou às atividades na promotoria o trabalho como advogado, em um escritório na Rua Boa Vista, 76, contudo sua carreira foi curta e a magistratura preterida pela opção que o acompanharia por toda a vida: a Educação. Em abril de 1879, João Köpke deixou o cargo de promotor público para tomar posse do cargo de professor substituto do Curso preparatório anexo à *Academia de Direito* (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário, 25.04.1879).

Seu interesse pela causa da educação e sua dedicação a ela já se manifestavam desde 1874, época em que adquiriu fama de “talentoso mestre de reconhecida cultura” (MENESES, 1984, p. 30), enquanto cursava o 4º ano da Academia de Direito de São Paulo e ministrava lições em cursos preparatórios. A concretização da crença no poder do ensino como elemento transformador da sociedade se daria pela criação, direção e colaboração em escolas, de modo sistemático e regular, ao longo dos anos 70 e 80 do século XIX. Algumas propostas não conseguiram ir além dos anúncios do jornal *A Província de São Paulo*, como o *Colégio para meninos*, com curso primário, curso inicial ao curso preparatório, curso preparatório e curso comercial (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário, 10.5.1878; Noticiário 15.5.1878; Noticiário 23.5.1878); o *Externato Modelo* para meninas, voltado ao ensino elementar (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Editorial, 25.07.1879); e o *Colégio Köpke* em que, propunha uma instrução primária e secundária voltada à formação da “boa esposa e da boa mãe” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 05.11.1880). Outras experiências, no entanto, foram muito exitosas, como o tempo em que lecionou no Curso Preparatório anexo à Faculdade de Direito de São Paulo e em colégios inovadores, como o *Colégio Pestana*¹, em São Paulo; o *Culto à Sciencia*² e o *Colégio Florence*³, ambos em Campinas; a criação em São Paulo da *Escola Primária Neutralidade*⁴, em sociedade com Antônio da Silva Jardim, que se destacou no quadro do ensino paulista, sendo “ostensivamente positivista na sua fundamentação, na sua programação e objetivos, e no regime de trabalho” (HILSDORF, 1986, p. 232); no Rio de Janeiro inaugurou a *Escola Primária Neutralidade – Instituto Henrique Köpke*⁵, que resultava de um amálgama de princípios liberais e positivistas e da prática pedagógica vivenciada, ou algumas vezes apenas projetada nas iniciativas educacionais anteriores.

Além dos projetos e experiências em instituições escolares, Köpke lecionou aulas particulares e preparatórios de Inglês, Francês, Português, Geografia, Retórica e História (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Anúncio, 05.04.1879); em cursos avulsos de Pedagogia, Física e Química, além de preparação para os exames da Escola Normal (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Anúncio, 11.07.1880).

João Köpke, desenvolveu uma atuação intensa, profunda e, sobretudo, coerente, abrangendo experiências com o ensino elementar e o secundário, com a produção de métodos para ensinar a ler e a escrever, de série graduada, bem como com a produção de leituras voltadas a instruir e moralizar. Escreveu e adaptou peças de teatro e fábulas, músicas e histórias infantis; dedicou-se à divulgação de seus ideais através das conferências e artigos que proferiu e escreveu; contribuiu na definição de um novo campo pedagógico, alicerçado no ensino intuitivo, científico, seriado, simultâneo e leigo, foi um pioneiro na divulgação e implantação do método analítico para o ensino da leitura.

1 Aberto no início de 1876 em um sobrado da Rua da Boa Morte, nº 31, o estabelecimento de ensino, de propriedade de Francisco Rangel Pestana e sua esposa Damiana, oferecia instrução e educação feminina, em nível primário e secundário. De acordo com Hilsdorf (1986), o *Colégio Pestana* proporcionava uma educação completamente inovadora para a sua época e seria o resultado “de um amálgama de princípios liberais e da prática pedagógica vivenciada nos colégios americanos de fé protestante” (p. 220).

2 De acordo com Moraes (1981), o *Colégio Culto a Sciencia* foi criado em 1874, sendo em 1892 a data de seu desaparecimento como escola particular.

3 O *Colégio Florence*, fundado pela educadora alemã Carolina Krug Florence em 3 de novembro de 1863 e destinado à educação de meninas. No livro intitulado *A educação feminina durante o século XIX – o Colégio Florence de Campinas 1863-1889*, Ribeiro (1996) empreende um estudo a respeito da fundação do *Colégio* e analisa os aspectos formais e informais da educação oferecida.

4 Para um estudo sobre os princípios, programa e professores da *Escola Primária Neutralidade* consultar SILVA (2006). *João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*.

5 Criada em 1888, no Rio de Janeiro, apresentava como intento a colaboração família-escola, para assim levar adiante uma “proveitosa educação da prole” (ESCOLA PRIMÁRIA NEUTRALIDADE- INSTITUTO HENRIQUE KÖPKE, 1888, p.3).

Um caminho manso e suave para aprender a ler

Em 1874, quando ainda era estudante da Academia de Direito do Largo São Francisco, João Köpke publicou a cartilha denominada *Methodo rapido para aprender a ler* com o objetivo de tornar o ensino menos árduo, propôs a substituição dos silabários tradicionais, além de apresentar o método da silabação, um verdadeiro guia que, se seguido, levaria os alunos por um caminho “manso, suave, fácil e cheio de luz” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879).

A cartilha destinava-se ao uso exclusivo dos alunos da *Escola Americana de São Paulo*⁶, no entanto, em 1875, ou seja, um ano depois de sua publicação, Köpke decidiu ampliar sua circulação solicitando ao Inspetor Geral da Instrução Pública, o Sr. Francisco Aurélio de Souza Carvalho, autorização para que também fosse utilizada nas escolas públicas da província. Anexos à solicitação foram dois pareceres favoráveis, o do dr. Paulo do Vale e o do professor Olímpio Catão. Além de as recomendações desaparecerem, a resposta à solicitação foi de que a cartilha era inferior a outras existentes, como a do dr. A. Freire da Silva, a do dr. Abílio Cesar Borges e a do V. Renault.

Essa resposta desencadeou uma verdadeira campanha contra o inspetor Francisco de Souza Carvalho, na Seção Livre do jornal *A Província de São Paulo*, entre 1875 e 1876. Contra o inspetor escreveram, entre outros, Gabriel Franzen, professor público, Mechíades da Boa Morte Trigueiro, professor da Escola Normal, e João Köpke. Os dois primeiros acusavam a incompetência e a inépcia de Francisco Aurélio de Souza Carvalho para lidar com assuntos da educação. Quanto a Köpke protestou veementemente contra o parecer emitido acerca de seu *Methodo*.

Em sua argumentação, Köpke procurou valorizar sua publicação por meio das manifestações de apoio que recebera, como, a advinda do seio da Academia de Direito e que fez publicar no Jornal: “Os estudantes da Academia de Direito desta cidade assinaram uma representação à presidência da província a favor da adoção, nas escolas públicas, do método de leitura do distinto acadêmico Sr. João Köpke” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário, 02.05.1875). Recorreu também aos elogios publicados na *Gazeta de Campinas* que foram transcritos no jornal *A Província de São Paulo* sobre a contribuição do livro à instrução pública:

O Sr. João Köpke, estudante da Faculdade de Direito, acaba de nos obsequiar com sua obra – *Methodo Rapido para aprender a ler*, para uso dos alunos da Escola Americana de São Paulo.

Familiar nos meios pelos quais se possam obter os conhecimentos, é uma tarefa digna de aplausos e que se impõe no apreço logo à primeira intuição cresce de pronto o vulto de tal serviço, quando ele entende com a inteligência tenra das crianças procurando apressar o trabalho de inculcar os primeiros rudimentos do ensino em alunos débeis e vacilantes ainda.

O livrinho do Sr. Köpke nos pareceu de suma vantagem para as aulas primárias. O sistema nele adotado é simples, e de tal modo nele se estabelecem as regras, que parecem-nos como degraus lógicos para a subida do espírito na escala dos primeiros estudos. O seu autor presta, pois, um serviço real à causa da instrução pública, e a nós corre o dever de chamar para a sua composição o cuidado e os interesses de nossos patrícios (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 30.04.1875).

6 A este respeito consultar Barbanti (1977) que investigou as Escolas Americanas de Confissão protestantes na província de São Paulo constituindo para tal um quadro geral do ensino particular.

Inconformado com o parecer que preteriu sua cartilha, Köpke desqualifica as escolhas feitas pelo Inspetor. Apresenta o livro *Novo Methodo*, de A. Freire da Silva, como uma enciclopédia, porque, além de ensinar a leitura, trata do sistema métrico, de catecismo, dentre outros assuntos. Além disso, Köpke afirma que o autor se equivocou quando pretendeu ensinar leitura por meio da escrita:

...princípio errôneo, primeiramente, porque confunde a inteligência tenra das crianças e com a apresentação de dois sinais diferentes para representar um mesmo som inconveniente e que me levou a adiar, no meu livro, o ensino das maiúsculas até completo conhecimento das minúsculas, princípio errôneo, ainda porque as pequenas idades não se devem, nem se podem, como pensa o dr Abílio, dedicar ao estudo dos exercícios caligráficos. Além disso, o método em questão não especula com a curiosidade infantil e torna-se inconveniente pelo desprezo do ritmo, que muito proveitoso é na inculcação das primeiras noções (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 30.05.1875).

Com relação ao *Primeiro livro de leitura*, de Abílio César Borges, Köpke afirma que, “segundo ele próprio confessa, não é o que de melhor se possa fazer no seu gênero” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 30.05.1875). Esta crítica deveu-se ao fato de o livro começar pelos alfabetos maiúsculos e minúsculos, ao invés de, como fez Köpke, iniciar pelo estudo das vogais, das consoantes e suas combinações.

A respeito do *Terceiro Livro* de V. Renault, segundo Köpke, seria o pior dos três livros, “ressentindo-se da pouca prática de ensino ou da nenhuma observação no seu exercício” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 30.05.1875).

A polêmica envolvendo João Köpke e o Inspetor Geral ainda estaria longe de acabar. Em um artigo de 1879, do jornal *A Província de São Paulo*, Köpke a reaviva. Nessa ocasião, refere-se à *Cartilha Maternal*, de João de Deus, apresentando-a como um método conveniente para facilitar à infância e ao analfabeto a aprendizagem da leitura, mas avisa que essa cartilha fora precedida, no Brasil, por um livro que, “visando os mesmos fins, e ferindo de frente a rotina, foi, entretanto, bruta, insolente e estupidamente reprimido do ensinamento oficial” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879). Referia-se ao seu *Methodo rapido para aprender a ler*.

Aproveita esse artigo para novamente acusar o Inspetor Geral da Instrução Pública, que, além de não ter autorizado a adoção de seu livro nas escolas públicas primárias – não livrando, portanto, as crianças do terrível sofrimento imposto pelos velhos silabários, prejudicou mais uma vez João Köpke, na medida em que tentou desvanecer o pioneirismo de seu livro.

A *Cartilha Maternal* ou *Arte da leitura*, escrita por João de Deus em “substituição aos abecedários usuais, ao enfrentar a tarefa de ensinar a ler uma de suas filhas” (HILSDORF, 1986, p. 128), foi publicada a pedido de Cândido J. A. de Madureira, Abade de Arcozelo, livreiro e amigo do poeta. A *Cartilha* foi bastante difundida e em 1888, declarada pelo governo português como sendo o método nacional. No Brasil, desde o final da década de 1870, a *Cartilha Maternal* tornou-se conhecida nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, e isso, “certamente em decorrência da divulgação realizada por Antônio Zeferino Cândido, professor de Matemática da Universidade de Coimbra e positivista ativo” (MORTATTI, 2000, p.60). Também a Zeferino Cândido deveu-se a relação entre a *Cartilha Maternal* e a lei dos três estados da filosofia comtiana, relação que foi apropriada e posta em circulação por Antônio Silva Jardim, um ardente propagador da *Cartilha* (MORTATTI, 2000).

De acordo com Köpke, embora a *Cartilha Maternal* fosse reconhecida pelo seu ineditismo quanto ao ensino por *silabação*, teria sido em verdade *Methodo rapido para aprender a ler*, de sua autoria, o primeiro livrinho a propor essa forma de ensino no Brasil. Köpke vai ainda mais longe apresentando alguns aspectos em que o *Methodo* apresenta vantagem em relação à *Cartilha Maternal*. Segundo o autor, ao menos em dois aspectos não restava nenhuma dúvida sobre a supremacia de seu *Methodo*. O primeiro é que o *Methodo* não apresenta apenas palavras, mas também frases, consideradas por Köpke como fundamentais para o ensino da leitura:

... pequenas frases acomodadas à idade das crianças que são chamadas a lê-las e com isso não só lhes inocula a consciência do que fazem como também lhes aguça a curiosidade, lhes desperta a vontade, e, sem que o sintam, as leva ao fim de sua não fácil viagem (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879).

O segundo aspecto é que o *Methodo* não “emiscue, como a *Cartilha*, as sílabas de diversos graus, sobe de uma a outra, das mais fáceis às mais difíceis” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879). Köpke afirma que essas ponderações não devem ser compreendidas como medida de desconceito, como arma de defesa de lucro próprio ou de ataque ao merecimento alheio, “mas como expressão de um sentimento que os homens entendidos poderão decidir se é bem ou mal fundado” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879).

Reitera não se tratar de ciúmes, mas apenas de uma demonstração de que “no Brasil também há quem se interesse pelo mísero bando de criancinhas que afluem às escolas” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879), e finaliza o artigo manifestando sua esperança de que o espírito público lhe faça justiça:

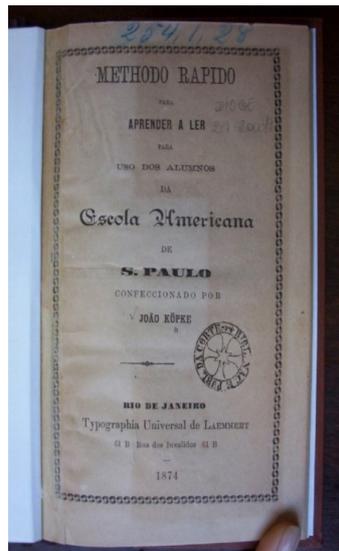
... e aqueles aos quais consagramos o nosso livro hão de recebê-lo nas escolas, apesar da má vontade, da oposição infundada e dos caprichos maliciosos do inspetor geral da instrução pública, impotente para vedá-lo, como foi para tolher que o público esgotasse a 1ª edição, galardoando o nosso esforço com seu acolhimento. O estigma que esse funcionário, a quem não qualificaremos, do alto do seu cargo, lançou sobre um livro, cujo merecimento a sua impugnação, longe de prejudicar, recomendou, o que conseguiu foi deixar-lhe na consciência mais uma úlcera para recompensa de seu ato, e na sua vida pública mais um marco, que eloquentemente confirma a justiça do grito, que contra si, de todos os ângulos, prorrompe, e que, talvez em breve, seja ouvido pelos ouvidos que a compaixão tem por longo tempo ensurdecido (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879).

E ao que parece a justiça foi feita: o *Methodo rapido para aprender a ler*, de João Köpke, foi adotado nas escolas públicas primárias. Tendo sido autorizado em 1879, levou à publicação de uma nova edição, desta vez pela *Garraux*, quando passou a se chamar *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar*.

Methodo rapido para aprender a ler

O *Methodo* tomado como objeto de estudo neste artigo é uma publicação de 1874. Na capa (ver figura 1) consta o título do livro, a indicação de sua destinação “para uso dos alunos da Escola Americana”, o nome do autor João Köpke; logo abaixo a indicação da casa editora, a *Typographia Universal Laemmert*. Não há página de rosto, indicação de tiragem. O livro é composto por 55 páginas, sem nenhuma ilustração ao longo de suas páginas.

Figura 1 - Capa do *Methodo rapido para aprender a ler*



Fonte: KÖPKE, 1874, capa

Sobre o local da publicação, cabe destacar tratar-se de importante casa editora da época. Em 1833 os irmãos Eduardo e Henrique *Laemmert* eram proprietários da *Livraria Universal*, em 1837 compraram 3 impressoras e no ano seguinte inauguraram a *Tipografia Universal*, no Rio de Janeiro (SILVA, 2008). De acordo com Razzini (s/d), na segunda metade do século XIX, as editoras “Garnier, a Laemmert e a Livraria Clássica de Alves & Cia., todas do Rio de Janeiro, [eram] responsáveis por mais de 44% de toda a produção brasileira de livros escolares, conforme informava o Catálogo do Museu Escolar Nacional de 1885” (s/p).

Retornando ao *Methodo*, o prefácio é assinado pelo professor de primeiras letras José Victorino Freitag, que lecionava no *Colegio Köpke*, em Petrópolis, de propriedade de Henrique Köpke, pai de João Köpke. No prefácio, o professor atesta os resultados alcançados na adoção do *Methodo*:

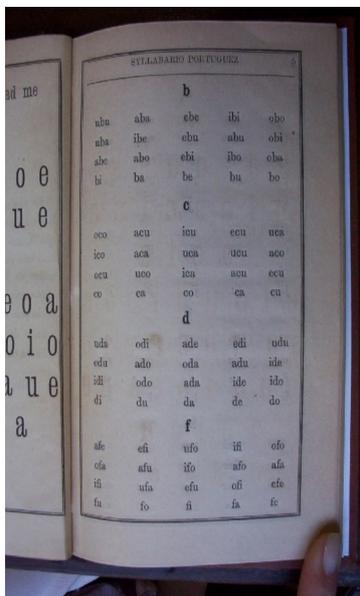
Eu abaixo assinado, professor de primeiras letras do Colegio Köpke, em Petropolis, atesto, que durante os três anos em que tenho exercido este encargo, tenho sempre seguido, no ensino da leitura, o sistema adotado neste livro e sempre com muito lisonjeiros resultados; sendo para notar-se a facilidade com que, mesmo crianças de muita pouca idade, por ele aprendem, e a certeza com que ficam lendo (FREITAG, Prefacio, In: KÖPKE, 1874, p.3).

Essa apresentação inicial do professor de um colégio renomado é uma pista para uma aproximação do livro. Tal como afirmou Chartier (1998) “O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação” (p.8). Essa ordem é bastante evidenciada nas palavras do prefaciador, na proposição do uso da obra. As palavras do professor José Victorino operam como uma recomendação aos professores que adotaram o *Methodo*, bem como às crianças que página após página aprenderam a ler, lendo as várias lições, o que Chartier (1996) denominou como panóplia de narrativas que funcionaria como “uma maquinaria [que] deverão [sic] produzir efeitos obrigatórios, garantindo boa leitura” (p. 96).

O *Methodo*, indicado para ser o primeiro livro do curso de primeiras letras introduz os futuros leitores no mundo letrado por meio da apresentação das vogais, “a, e, i, o, u”, logo abaixo da frase em latim *Sinite parvulos venire ad me* (Deixe os pequeninos virem a mim). A partir da próxima página até

a última, no início de cada uma delas consta a inscrição *Syllabario portuguez*. Dando continuidade há várias combinações de sílabas iniciadas com as vogais em combinação com as letras “b, c, d, f, g, j, l, m, n, p, r, s, t, v, x”, finalizando com a apresentação das famílias silábicas, como exemplo, “bi, ba, be, bu, bo”. Todas as letras são apresentadas em letra de forma minúscula, conforme se vê na figura 2:

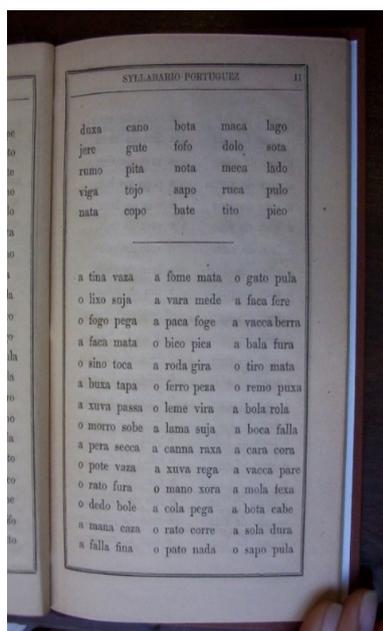
Figura 2- Combinações de sílabas



Fonte: KÖPKE, 1874, p. 5.

Na sequência o autor dedica atenção à apresentação de palavras iniciadas com cada uma das vogais e consoantes estudadas, dispostas em 5 colunas, tais como, “bago, duro, gala, juro, leme” (KÖPKE, 1874, p. 9) dentre outras. Após duas páginas dessas listas de palavras, introduz pequenas frases, como “a tina vaza”, “a vara mede”, “a boca fala”, “o saco de pano” (p. 11-12), conforme se vê na figura 3.

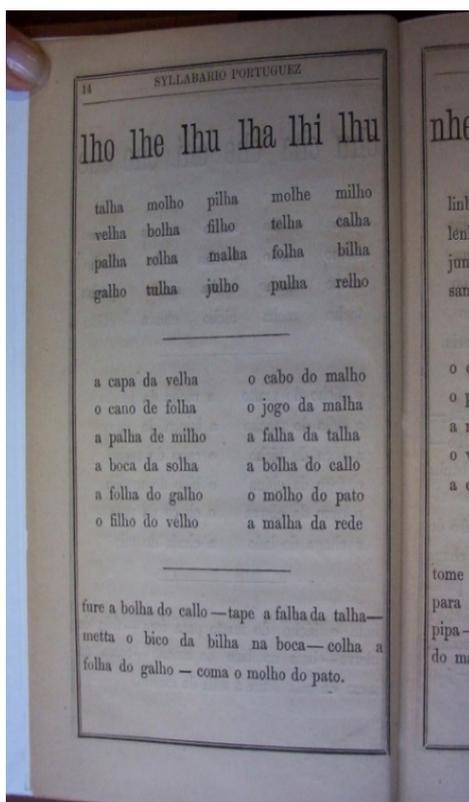
Figura 3- Pequenas frases



Fonte: KÖPKE, 1874, p. 11.

Em seguida, Köpke apresenta, o que provavelmente considerasse de aprendizagem mais complexa, as “lições”⁷ dos encontros consonantais “ch, lh, nh, ”. Nota-se que não há uma sequência pré-determinada na apresentação das famílias sílabas, assim, o ch é apresentado “chu, cha, che, chi, cho, che”; o lh, “lho, lhe, lhu, lha, lhi, lhu”; e o nh “nhe, nhu, nhi, nho, nhe”. Embora sempre com letra minúscula e de forma, no início de cada nova “lição”, a família silábica é apresentada em negrito e em tamanho bem maior que o restante da página. As três “lições” são estruturadas em palavras dispostas em 5 colunas; seguidas de pequenas frases em duas colunas, e ao término frases separadas por um hífen, mas sem nenhuma relação entre si, conforme se vê na figura 4.

Figura 4- A “lição” do lh



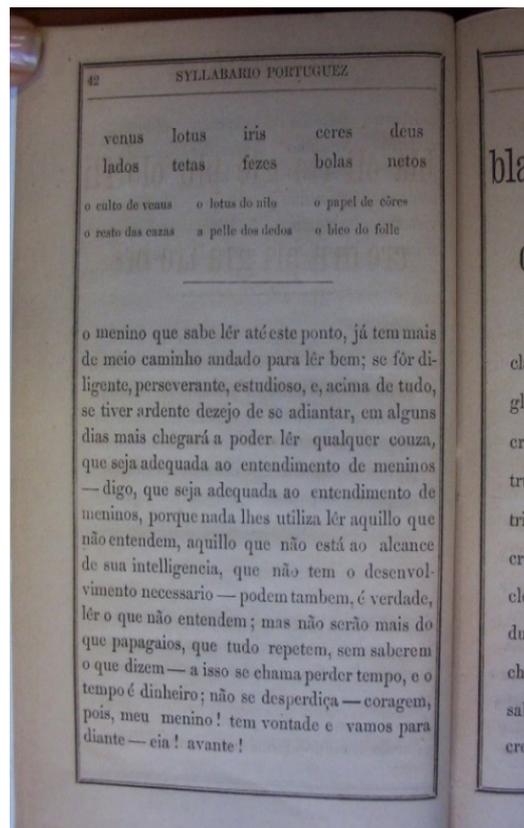
Fonte: KÖPKE, 1874, p. 14.

As próximas “lições” mantem a mesma estrutura e são destinadas ao ensino do “ça, ço, çu, ce, ci”; “ge, gi”; “que, qui”; “gue, gui”. Na continuação, os encontros vocálicos “ai, ei, oi, ui, ie, io, iu, oe” e o uso do til, somente no “ão”, formando palavras como, João, melão, galão. Nas páginas subsequentes, o autor faz uma retomada e apresenta novamente as colunas de palavras, as pequenas frases e as frases separadas com hífen, desta feita, contendo todas as letras e sílabas ensinadas ao longo de todo o livro.

Nas próximas cinco “lições”, o autor apresenta às crianças palavras formadas por “am, em, um, om, im”; “on, in, em, um, na”; “al, el, ul, il, ol, el, al”; “ar, ur, or, ir, er, ar, ur” “as, es, us, os, es, is, as” no início, meio e fim das palavras. Embora a estrutura seja a mesma, é introduzido, ao invés de frases isoladas separadas pelo hífen, um texto, cujas frases são interligadas, mas que permanecem separadas pelo recurso da hifenização, conforme se vê na figura 5.

⁷ O autor do *Methodo rapido para aprender a ler* não utiliza o termo “lição”, que foi usado por mim para evidenciar cada nova família silábica apresentada.

Figura 5- Um pequeno texto



Fonte: KÖPKE, 1874, p. 42.

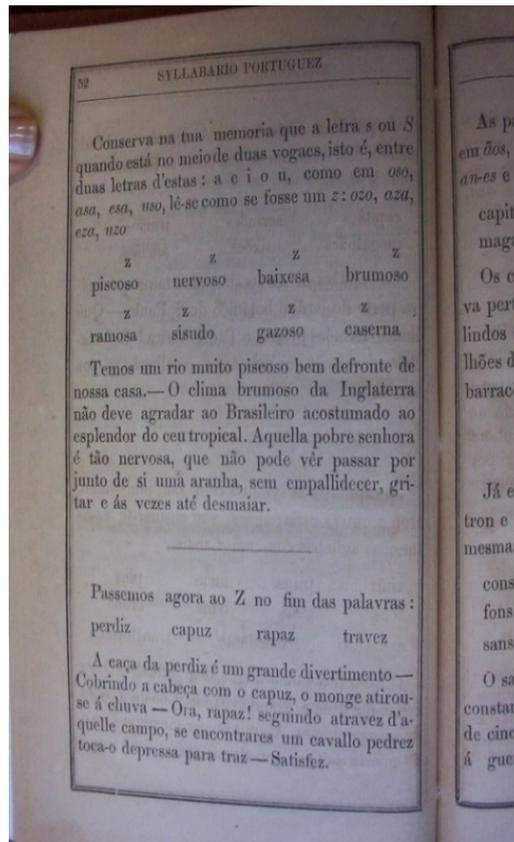
As próximas duas “lições” são de sílabas formadas por encontros consonantais com “l” e “r”. A primeira delas é a do “bla, cli, flo, gle, plu, clo, fli, cre, dru, pri, gra, tro, bre”; a segunda “blan, flon, glen, clin, plan, gren, prim, dren, cras, cre, tral”. Cabe destacar a intencionalidade do autor, em complexificar o ensino da leitura, ao apresentar as diversas sílabas em uma ordem distinta das anteriores, ou seja, fora da lógica sequencial da família silábica.

Nas últimas páginas do *Methodo*, o autor apresenta um texto de incentivo pelas conquistas adquiridas, ao mesmo tempo em que de estímulo pelo que ainda está por vir:

[...] eis quase chegado o momento em que poderás, meu menino, dizer com alegria: já sei ler qualquer livro! Que prazer para teu bom pai e tua carinhosa mãe! Que contentamento tamanho para ti próprio, que poderás também dizer: bem aproveitei o dinheiro de meus pais, o zelo de meus mestres e a inteligência que deus me deu! se desejas chegar a um resultado tão belo, esforça-te mais um pouco e, prestando atenção ao que se segue, em breve tempo o conseguirás- o que se segue é mais fácil do que tudo quanto tens aprendido; não vás agora desanimar e demorar-te em chegar ao fim da jornada, que está a terminar [...](KÖPKE, 1874, p. 51).

E com um formato bem distinto do adotado em todo o livro, conforme se vê na figura 6, Köpke (1874) dedica 3 páginas escritas por meio de um texto dissertativo, para ensinar regras gramaticais para o uso do “s” e do “z”; para o plural com “ães, ãos e ões”; uso do “ph”; e as palavras com “bs”.

Figura 6- Regras gramaticais



Fonte: KÖPKE, 1874, p. 52.

Na última página do livro, o autor prescreve, mesmo sem apresentar um manual aos professores, o modo como deveriam conduzir a sua realização. Destaca a importância de no ato da leitura acen-tuar a separação das sílabas; a relevância de se aprender a ler em voz alta; a valorização de sempre procurar ajuda para compreender as palavras desconhecidas; e por fim, um conselho que ultrapassa os muros da escola e o ato de ler, que se refere a adesão à crença em Deus:

Chegaste ao fim do livro e agora que o vamos deixar para passar à leitura de algum outro, que escolhas, toma bem sentido no que te vou dizer.

Atenta bem na divisão de sílabas, que faço com o ponteiro; lê, à medida que eu for apontando, sem pressa nem confusão, e fala sempre em voz alta e clara e não entre os dentes e atrapalhadamente.

Quando estiveres em casa, estudando a tua lição, e tiveres alguma dúvida, isto é, não entenderes o que leres, não passes adiante sem saber de teu pai, de tua mãe, ou de quem suas vezes fizer, como se explica aquilo que não entendes.

Chegaste ao fim do livro, sabes ler, e ler bem, se observares as minhas recomendações. Agora, como em todas aquelas ocasiões da tua vida, em que fores bem-sucedido, dirige teu coração ao céu e dá GRAÇAS A DEUS (KÖPKE, 1874, p. 55).

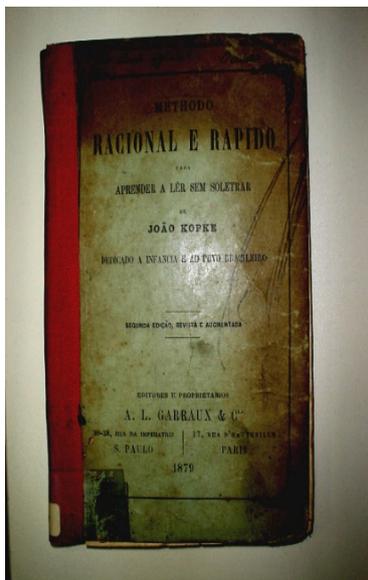
Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar

O *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar* foi publicado em 1879. O exemplar estudado é a segunda edição, revista e ampliada. Na capa (ver figura 7) consta o título do livro, a indicação de que é “destinado à infância e ao povo brasileiro”, logo abaixo a casa editora, a *A. L. Garraux & Cia.*

Em artigo sobre a influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX, Costa (2000) relata que tudo começou em 1859 “com uma quitanda, onde vendia, além de papéis para cartas, penas, lápis e outros artigos de escritório, números das revistas: *Illustration* e *Monde Illustré*” (p.11). Em 1860 fundou a *Casa Garraux*, localizada na Rua da Imperatriz⁸ com uma variedade de produtos importados da França, tais como medicamentos homeopáticos, espelhos, quadros, caixas de costuras, envelope, brinquedos etc. Funcionava ainda como livraria e “tornou-se desde logo o centro elegante procurado pelos jovens intelectuais paulistas” (p.12).

A *Casa Garraux*, segundo Hallewell (1985), até 1920 apresentava um catálogo de publicações próprias muito restrito, no entanto, de acordo com o visitante americano Christopher C. Andrews destacava-se como a “melhor livraria e papelaria de todo o Brasil” (p. 227). O interesse em comercializar livros a serem adotados por professores e estudantes da Academia ficou evidenciado no catálogo de 1865, quando a *Casa Garraux* se apresentou como “Livreiro da Academia jurídica de São Paulo” (p.227). Provavelmente a publicação do *Methodo racional* deveu-se para além do mérito do autor e da obra, à sua proximidade com a Academia de Direito, seus professores e estudantes, levando-se em conta que Köpke ali estudou e obteve o título de bacharel em 1875, passando um curto período em Itapeva da Faxina, entre 1876 e 1879, como promotor público e retornando a São Paulo em 1879, para assumir o cargo como professor substituto do Curso Preparatório Anexo à Academia de Direito.

Figura 7- Capa do *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar*



Fonte: KÖPKE, 1879, capa

⁸ De acordo com Bruno (1991) na primeira metade do século XIX o comércio em São Paulo se concentrava na Rua da Quitanda, com a venda de legumes, verduras, e na Rua das Casinhas (atual Largo do Tesouro), onde se comercializava toucinho, arroz, milho, farinha e carne seca. Com a produção do café e seu excedente gerando as condições para a urbanização e a emergência de uma elite urbana capaz de consumir produtos e serviços mais sofisticados, houve o deslocamento do centro comercial para o denominado Triângulo, formado pelas ruas Direita, São Bento e Imperatriz (atual 15 de Novembro), sendo essa última a de concentração de cafés, restaurantes, confeitarias, casas importadoras e livrarias, como a *Casa Garraux*.

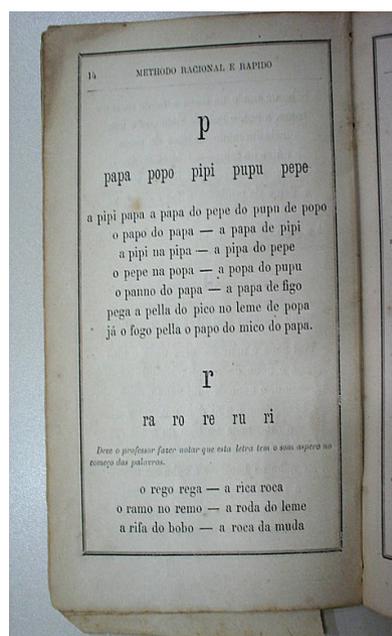
Retornando ao *Methodo racional*, na página de rosto consta apenas o título do livro. O livro é composto por muitas ilustrações ao longo das 82 páginas. Na sequência uma página intitulada “Advertência”, em que Köpke dirige-se diretamente ao professor que adotou o livro. Alerta que as alterações foram realizadas a partir de sua prática de ensino. Aconselha que seja adotado o método da silabação; “que não passe aos exercícios posteriores enquanto sobre os anteriores houver hesitação” (KÖPKE, 1879, p. 4); e que a diferença de som entre as sílabas idênticas “cumpre que seja cuidadosamente assinalada” (p. 4). Mas além de recomendações, o autor incentiva o professor, afirmando que seguindo à risca o *Methodo*, tal como ele, o professor terá êxito no ensino da leitura, e que tem habilitado “discípulos de pequena idade, em três meses, à leitura corrente e desembaraçada” (p.5), o que inclusive o autorizava a denominar o *Methodo* de rápido.

O livro é organizado em 28 exercícios, sendo o primeiro a apresentação das vogais – a, e, i, o, u - que, segundo o autor, são “dispostas de forma a que o aluno sem sabê-las de cor, pela ordem que são apresentadas e dando som ao valor que simboliza, a cada uma delas, mostre distingui-las uma das outras” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879).

O exercício 2 apresenta orientações⁹ aos professores no início e ao longo das apresentações das novas letras. Assim, por exemplo, na primeira página do exercício o autor destaca que “é necessário não passar aos exercícios posteriores, enquanto sobre este não houver completo desembaraço” (KÖPKE, 1879, p. 8); e ao longo, detalha por exemplo, com relação ao “r” no início das palavras que “deve o professor fazer notar que esta letra tem o som áspero no começo das palavras” (p. 14), ou no caso do “s” inicial, que “deve o professor fazer notar que esta letra tem o som silabante no princípio das palavras” (p. 16).

Esse exercício é o maior do livro, ocupando 13 páginas, com a apresentação da letra, seguida de palavras e frases com “d, b, c, f, g, j, l, m, n, p, r, s, t, v, x, z”. A estrutura adotada é a apresentação da letra em negrito, seguida de combinações das sílabas replicadas, por exemplo, “fofo, fafa, fifi, fufu, fefe” e por fim, pequenas frases, conforme se vê na figura 8.

Figura 8- O “p” e o “r”



Fonte: KÖPKE, 1879, p. 14.

9 Ao longo do livro somente nos exercícios 2 e 16 Köpke (1879) inseriu orientações aos professores.

Ao término do segundo exercício, o aluno, de acordo com Köpke, se sentiria maravilhado por ler um sem-número de frases, além de possuir um “conhecimento firme de todas as consoantes” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879). Vencida mais essa etapa, o aluno estaria pronto para o terceiro exercício, que nada mais era do que a apresentação de todas as consoantes minúsculas, seguidas de pequenas frases com as letras estudadas.

Na sequência, o aluno prosseguiria sua tarefa estudando no exercício quatro, os diferentes tipos de letra, a maiúscula e minúscula, em diferentes grafias, a romana, a gótica e a redonda. Nesse ponto da cartilha, termina a primeira parte do livro, ou seja, o estudo das sílabas simples. Para Köpke, essa sequência seria a maneira mais adequada para ensinar a ler, porque, além de gradativa, partiria do simples para o complexo:

Sendo as sílabas o elemento da palavra que preceitua a leitura pela *silabação*, atendendo a rapidez e certeza com que o espírito, por uma operação maravilhosa, mas instantânea, congutina os sons simples das letras no som composto das sílabas, deveria ter em vista a dificuldade destas, para entre elas, estabelecendo uma escala gradativa, subir das mais fáceis às mais difíceis (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879).

Na segunda parte do livro apresenta as sílabas consideradas mais difíceis. O aumento do grau de dificuldade vem acompanhado também de uma maior complexidade do exercício que, além de sílabas e palavras, apresenta pequenas frases. Entre os exercícios cinco e oito, Köpke introduz os encontros consonantais “ch, nh, lh”. Da mesma forma que no livro *Methodo rapido* não há uma sequência pré-determinada na apresentação das famílias silábicas, assim, o ch é apresentado “cho, chu, chi, che, cha, chi”; o nh “nhe, nhu, nha, nhi, nho”; o lh “lhu, lhe, lho, lha, lhi”. Nesses exercícios a novidade da inserção da letra maiúscula nas frases. As três “lições” são estruturadas em palavras dispostas em 5 colunas; seguidas de pequenas frases, algumas em itálico e separadas por um hífen, como se vê na figura 9. O exercício oito é uma oportunidade de revisão e fixação dos diferentes sons, porque nele os alunos encontram somente pequenas frases escritas com os três encontros consonantais estudados nos exercícios anteriores.

Figura 9- O exercício do lh



Fonte: KÖPKE, 1879, p. 29.

Os exercícios nove até o quinze são destinados ao ensino do “ça, ço, çu, ce, ci”; “ge, gi”; “que, qui”; “qua, quo”; “gue, gui”; “gua, gue” são prioritariamente compostos pelas sílabas em estudo no exercício, palavras e pequenas frases que as privilegiem, como laço, cimo, gelo, leque, água dentre tantas outras.

Na continuação, o exercício dezesseis, com os encontros vocálicos “ai, ei, oi, ae, ie, oe, eu, ao, eo, io, uo, au, iu, ou, ea, ia, ua, ui, ão”, mantem a mesma estrutura apresentada no livro de 1874. Entre os exercícios dezessete e dezenove apenas palavras com “h, ph, k”, sem apresentação das pequenas frases.

A partir dessa parte do livro, entre os exercícios vinte e vinte e cinco, o autor reproduz *ipsis literis* o que já havia proposto no livro *Methodo rapido para aprender a ler*. Entre os exercícios vinte e vinte e três apresenta às crianças palavras formadas por “am, em, um, om, im, on, in, en, un, an”; “al, el, ul, il, ol, el, al”; “ar, ur, or, ir, er, ar, ur” “as, es, us, os, es, is, as” no início, meio e fim das palavras. Dedicou os exercícios vinte e quatro e vinte e cinco para os encontros consonantais com “l” e “r”. O primeiro deles é a do “bla, cli, flo, gle, plu, clo, fli, cre, dru, pri, gra, tro, bre”; o segundo “blan, flon, glen, clin, plan, gren, prim, dren, cras, cre, tral”. Cabe destacar a intencionalidade do autor, em complexificar o ensino da leitura, ao apresentar as diversas sílabas em uma ordem distinta das anteriores, ou seja, fora da lógica sequencial da família silábica.

Enquanto nos exercícios anteriores, Köpke reproduziu o que já havia escrito, entre o vinte e seis e vinte e oito produziu uma inovação, criando uma página específica para o ensino de palavras com “z”; o plural com “ães, ões, ãos”; o encontro “ns”, que no livro anterior foi disposto de modo muito condensado em um formato parecido ao de regras gramaticais. E na sequência reproduz o mesmo texto de encerramento do livro de 1874.

Ao longo do *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar* foram inseridas 20 ilustrações, que, no entanto, não guardam nenhuma relação com o exercício proposto, ou dito de outra forma, com a letra ou sílaba ensinada. Por exemplo, no exercício 15, as frases são: “Leve a água ao Guita - Pegue na guela- Que magua” (KÖPKE, 1879, p. 38) e a ilustração é de uma classe para meninas com o alfabeto na parede ao fundo, e em primeiro plano a professora e um grupo de meninas fazendo um trabalho manual. Além de não se relacionarem às palavras e frases, as ilustrações evidenciam uma realidade estrangeira, provavelmente europeia, pelas roupas, prédios, patinação na neve, crianças brincando em um dia de neve etc.

Para compreender a presença das ilustrações nos livros dessa época recorreu-se ao capítulo *Livros didáticos entre textos e imagens*. Segundo Bittencourt (2004) a história dos livros destinados à escolarização carrega a marca francesa nas ilustrações:

A presença francesa na produção dos livros brasileiros ocorreu por termos nos baseado, durante muitos anos, nas propostas curriculares da França, mas também pela relação das casas editoras brasileiras com este país, sendo que a maior parte dos livros nacionais eram impressos em Paris até os anos 30 deste século (p. 76).

Foi assim com os livros de Francisco Mendes Vianna, autor de livros de leitura que circularam contemporaneamente aos de Köpke. Em sua pesquisa, Paulino (2019) afirma que ao longo do século XIX houve um incremento dos livros didáticos no Brasil, principalmente, quando incorporados por livreiros-editores vindos de Portugal e da França com suas maquinarias e estilo de produção, mas também por autores que buscavam a editoração de suas obras diretamente na Europa. Segundo a autora, “Vianna passou 6 meses na Europa para reeditar e imprimir as suas obras com a finalidade de obter melhor qualidade de impressão” (p.192). Sobre os livros desse Francisco Vianna esclarece ainda:

Apesar de não conter informações sobre os ilustradores das obras de Francisco Viana, assim como de muitos autores do período, foi possível identificar as assinaturas desses em algumas gravuras [...] A grande maioria das marcas dos ilustradores são as iniciais de seus nomes ou são ilegíveis. Dessas foram identificados os nomes: Louis Maîtrejean, Firmin Bouisset, R. Norfint, Reignier, Jumgnes RIO (?), T. Tarquinio, Otto Guagnier... (p. 194).

Outro contemporâneo, Thomaz Galhardo, também teve as obras “impressas na Europa, como a maioria das obras dos autores brasileiros” (ALCANFOR, 2016, p. 117). A autora esclarece que a preferência pelas tipografias francesas se deveu ao “barateamento e pela qualidade do produto europeu, colocando em desvantagem a produção dos impressores brasileiros que, além desse fator, tinham que pagar mais impostos pelo papel do que pelos livros importados” (p. 117). A autora nos esclarece ainda acerca dos catálogos de imagens comercializado pelos franceses:

Os colporteurs eram vendedores ambulantes que comercializavam imagens e textos em locais públicos. Apresentavam um catálogo com uma diversidade de imagens de representações diversas, como abecedários ilustrados, temas históricos, imagens infantis, pessoas trabalhando etc. Mais tarde, já na segunda metade do século XIX, a comercialização das imagens ganhou espaço como suporte pedagógico nos manuais escolares, sendo um elemento para entreter a criança na lição, tornando-a mais simples, agradável e de fácil compreensão por meio de histórias atrativas e ilustradas ... (p. 110).

Com as ilustrações dos livros de Köpke provavelmente ocorreu o mesmo, cabendo uma investigação mais detalhada e aprofundada.

Algumas considerações finais sobre as disputas em torno do melhor método

Ainda que bastante difundido e chegando mesmo a competir com as cartilhas de Felisberto de Carvalho, o *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar*, de João Köpke, não passou incólume às críticas de Antonio Silva Jardim, quando de suas conferências na Província do Espírito Santo no ano de 1882. Em suas reflexões acerca das publicações de sua época, quanto ao ensino da leitura, e estabelecendo relações entre os problemas sociais e educacionais e os três estados da filosofia comtiana, Silva Jardim condenou a soletração e a silabação e indicou a palavração como sendo a forma definitiva de ensinar a leitura.

Segundo Silva Jardim, a *soletração* seria o estado teológico, como se as letras fossem entidades sobrenaturais, com poderes miraculosos de construção de palavras. A *silabação* foi apresentada como sendo o estado metafísico, posto que as sílabas eram entidades abstratas, totalmente separadas das palavras. E, finalmente, a *palavração*, o estado positivo do ensino da leitura, tal qual na concepção positivista, as ideias partiam das coisas para o espírito. Para além de classificações generalistas, Silva Jardim, em sua conferência proferida em Vitória, exemplificou os métodos de ensino da leitura, analisando algumas cartilhas, entre elas a de Köpke:

O Methodo rapido do Dr. Köpke, banca soletração, e explicitamente, como mais notadamente se vê da edição de 1879 sob denominação Método Racional e rápido para aprender a ler sem soletrar (A PROVÍNCIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO *apud* MORTATTI, 2000, p. 58).

A crítica de Silva Jardim aponta para o nascimento de uma tensão que acompanharia as discussões em torno dos métodos para o ensino da leitura por muito tempo, opondo assim modernos e antigos. Mortatti (2000) sintetiza o sentido dessa tensão:

... visando à ruptura com seu passado, determinados sujeitos produziram em cada momento histórico, determinados sentidos que consideravam modernos e fundadores do novo em relação ao ensino da leitura e escrita, entretanto, no momento seguinte, esses sentidos acabaram por ser paradoxalmente configurados pelo posterior imediato, como um conjunto de semelhanças indicadoras da continuidade do antigo, devendo ser combatido como tradicional e substituído por um novo sentido para o moderno (p. 23).

Nesse momento nascem as acirradas disputas entre os partidários do então novo método de ensino da leitura - baseado na *palavração* e representada pela *Cartilha Maternal* - e os partidários dos então tradicionais métodos sintéticos, pela *soletração* e *silabação*, em que se baseiam as primeiras cartilhas produzidas por João Köpke. Recorre-se à Frade (2005) para a definição do método:

[...] nos métodos sintéticos, temos a eleição de princípios organizativos diferenciados, que privilegiam as correspondências fonográficas. Essa tendência compreende o método alfabético, que toma como unidade a letra; o método fônico, que toma como unidade o fonema; o método silábico, que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba. A disputa sobre qual unidade de análise a ser considerada – a letra, o fonema ou a sílaba –, é que deu o tom das diferenciações em torno das correspondências fonográficas. Para esse conjunto de métodos denominados sintéticos, propõe-se um distanciamento da situação de uso e do significado, para a promoção de estratégias de análise do sistema de escrita (p. 22).

Dentre os métodos sintéticos, o mais antigo, amplamente utilizado em países da Europa e no Brasil até o início do século XX, é o método alfabético, que consistia em apresentar partes mínimas da escrita, as letras do alfabeto, que, ao se juntarem umas às outras, formavam as sílabas que dariam origem às palavras. Segundo Frade (2005) “os aprendizes, primeiro, deveriam decorar o alfabeto, letra por letra, para encontrar as partes que formariam a sílaba ou outro segmento da palavra” (p. 23) e somente depois de um tempo é que viriam a entender que essas sílabas poderiam se transformar em palavra. Outra característica bastante utilizada era o procedimento de *soletração*, que gerava exaustivos exercícios de “cantilenas”, ou seja, cantorias com os nomes das letras e suas combinações, e o treino repetitivo com possíveis combinações de letras em silabários.

Se o antigo era o sintético, o novo recebeu o nome de analítico, em que segundo Frade (2005) se “parte da síntese para a análise, do todo para as partes” (p. 32). Dentre os métodos analíticos, a *palavração* foi um dos primeiros a circular, consiste na apresentação de “uma palavra que, posteriormente, é decomposta em sílabas” (p. 33).

Retomando a disputa protagonizada por Köpke, para quem o *Methodo rapido para aprender a ler*, de sua autoria, teria sido o primeiro livro a propor o ensino por *silabação* no Brasil, embora, a *Cartilha Maternal* de João de Deus é quem recebera esta distinção. Para Silva Jardim, ao contrário, a *Cartilha maternal*¹⁰ representaria o estado positivo do ensino da leitura, por meio da *palavração*. Por que a *Cartilha Maternal* foi interpretada de modo tão distinto por Köpke e Silva Jardim? Frade (2005) nos esclarece a respeito da diferença entre o método da *silabação* e da *palavração*:

10 Segundo Mortatti (2006) a *Cartilha Maternal* de João de Deus propôs um novo método de ensino de leitura, baseado nos princípios da moderna linguística da época, fundamentado na *palavração*, que parte do todo para a parte, ou seja, do ensino da leitura da palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras.

A diferença desse método em relação ao silábico é que as palavras não são decompostas obrigatoriamente no início do processo, são apreendidas globalmente e por reconhecimento. A escolha de palavras também não obedece ao princípio do mais fácil ao mais difícil. São apresentadas independentemente de suas regularidades ortográficas. O importante é que tenham significado para os alunos (p.33).

Ao que parece Köpke não percebeu estas distinções, esteve atento à seleção do que considerou sílabas mais simples e mais difíceis de aprendizagem; preocupou-se com o ensino das letras, encontrados vocálicos e consonantais; com a apresentação de palavras e pequenas frases caracterizadas pela regularidade ortográfica. A partir deste aporte metodológico cotejou o seu *Methodo* e o de João de Deus.

O livro *Methodo rapido para aprender a ler* embora parta das letras, delas avança rapidamente para sílabas, palavras e frases. Do que é possível apreender, sem um manual ou orientações aos professores, não é a valorização da memorização do alfabeto, que aliás não é ensinado em sua sequência; também não é de cantilenas de junção de letras em sílabas e encontros silábicos e vocálicos, que são pouco explorados no livro. Mas, pode-se afirmar que o *Methodo rapido para aprender a ler* é pautado no ensino por silabação, deriva das partes para o todo, e “a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba” (FRADE, 2005, p.27), ainda que valorize as palavras e as pequenas frases.

Quanto ao *Methodo racional e rápido para aprender a ler sem soletrar*, mais uma vez, Silva Jardim, que alguns anos depois se tornaria sócio de Köpke na Escola Primária Neutralidade, se envolveu na polêmica sobre os métodos, acusando o autor de promover em seu livro de 1879, a soletração, o que conforme as advertências aos professores, a estrutura do livro, a valorização das palavras e das frases refutam.

Poucos anos depois, Köpke abandonou a opção metodológica pela *silabação*, tornando-se um dos mais importantes educadores a sistematizar e implementar o ensino da leitura pelo método analítico. Mudando de posição, assumiu a bandeira do novo, o método analítico pela *sentenciação* e pela *palavração*, e passou sistematicamente a desqualificar e desautorizar as práticas tidas como antigas: o método sintético pela soletração e pela *silabação*.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder*; o bacharelismo liberal na política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ALCANFOR, L. R. *Professor Thomas Galhardo: produção, circulação e práticas de alfabetização e leitura-séculos XIX e XX*. 2016. Tese de doutorado em Educação- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, São Paulo.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 05.11.1880.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Anúncio, 05.04.1879.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Anúncio, 11.07.1880.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Editorial, 25.07.1879.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário, 02.05.1875.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário, 10.5.1878.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário 15.5.1878.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário 23.5.1878.

- A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Noticiário, 25.04.1879.
- A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 30.04.1875.
- A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 30.05.1875.
- A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, Seção Livre, 19.03.1879.
- BARBANTI, M.L. S. H. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo; um estudo de suas origens*. 1977. Dissertação de mestrado em Educação- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-FEUSP, São Paulo.
- BITTENCOURT, C. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, C. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec. 3v, 1991.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do antigo regime*. São Paulo: UNESP, 2004.
- CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, v.6, n.11, p.5-24, 2002.
- COSTA, E. V. da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, n. 142-143, p. 277-308, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18903>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- ESCOLA PRIMÁRIA NEUTRALIDADE – INSTITUTO HENRIQUE KÖPKE. 1888. *Bases de sua direção e plano geral de estudos*. Rio de Janeiro: Typ. a vap. de Soares e Niemeyer, 40p.
- FERREIRA, N. S. de A. As cartilhas de João Köpke para o ensino da leitura. *Revista Brasileira de Alfabetização*. Vitória, ES, v. 1, n. 1, p. 155-176, jan./jun. 2015.
- FERREIRA, N. S. de A.; SANTOS, M. L. C. K. Instruções de uso para o livro de Hilda (1902), de João Köpke, aos mestres. *Rev. bras. hist. educ.*, Maringá-PR, v. 15, n. 3 (39), p. 53-82, set/dez, 2015.
- FERREIRA, N. S. de A.; SANTOS, M. L. C. K. O Livro de Hilda (1902), a cartilha do método analítico, por João Köpke. *Pro-Posições*, v. 25, n. 3 (75), p. 185-209, set./dez., 2014.
- FRADE, I.C.A. da S. *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores*. Belo Horizonte: Centro de alfabetização, leitura e escrita- Ceale: FAE/ UFMG, 2005.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil; sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp. (Coleção Coroa Vermelha: Estudos brasileiros; v.6), 1985.
- HILSDORF, M. L. S. 1986. *Francisco Rangel Pestana; jornalista, político, educador*. Tese de doutorado em Educação-Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-FEUSP, São Paulo.
- KÖPKE, J. *Methodo rapido para aprender a ler*. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1874.
- KÖPKE, J. *Methodo racional e rapido para aprender a ler sem soletrar; dedicado à infância e ao povo brasileiro*. 2ªed. São Paulo: A. L. Garraux, 1879.
- LIMA, A. A. *Memórias improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MACIEL, F. I. P. Ler, escrever e contar... A história da alfabetização em Minas Gerais. In: PERES, E, TAMBARA, E. (orgs.). *Livros escolares e o ensino da leitura e da escrita no Brasil (séc. XIX-XX)*. Pelotas: Seiva, p.11-26, 2003.
- MENESES, J. G. de C. Discurso de posse. *Boletim da Academia Paulista de Educação*. São Paulo, nº 9, p.26-38, 1º sem, 1984.

- MORAES, C. S. V. 1981. *O ideário republicano e a educação*; o Colégio “Culto à Ciência” de Campinas (1869-1892). Dissertação de mestrado em Educação- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-FEUSP, São Paulo.
- MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização*; São Paulo 1876-1994. São Paulo: UNESP – COMPED, 2000.
- OLIVEIRA, C. R. G.A. de, SOUZA, R. F. de. As faces do livro de leitura. *Cadernos Cedes*; educação, sociedade e cultura no século XIX; discursos e sociabilidades. Campinas, nº52, p.25-40, 2000.
- OLIVEIRA, C. R. G.A. de. *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*. 2004. Dissertação de mestrado em Educação- Universidade Estadual de São Paulo- UNESP, Araraquara.
- PANIZZOLO, C. João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade. 2006. Tese de doutorado em Educação- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, São Paulo.
- PAULINO, A. S *Um mundo de pura manifestação dos sentimentos: a trajetória de Francisco Vianna e a representação de infância em suas obras (1876- 1935)*. 2019. 226 f. Dissertação de mestrado em Educação- Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.
- RAZZINI, M. de P. G. *A Livraria Francisco Alves e a expansão da escola pública em São Paulo*. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31043536594932454861525103147235267229.pdf>
- RIBEIRO, A. I. M. *A educação feminina durante o século XIX*; o Colégio Florence de Campinas 1863-1899. Campinas: CMU-UNICAMP (Coleção Campiniana, 4), 1996.
- RIBEIRO, N. R. Um estudo sobre A Leitura Analytica (1896), de João Köpke. *Leitura; Teoria & Prática*. Campinas: ALB, Porto Alegre: Mercado Aberto, v.20, nº 39, p.45-59, out.,2002.
- SCHELBAUER, A. R. *A construção do método de ensino intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)*.2003. Tese de doutorado em Educação- Universidade de São Paulo FEUSP, São Paulo.
- SILVA, A. L da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil- Rio de Janeiro (1870-1924)*.2008. Dissertação de mestrado em História Social- Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- SOUZA, R. F. de. *Templos de civilização*; a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

Recebido em: 01/11/2022

Aceito em: 30/11/2022